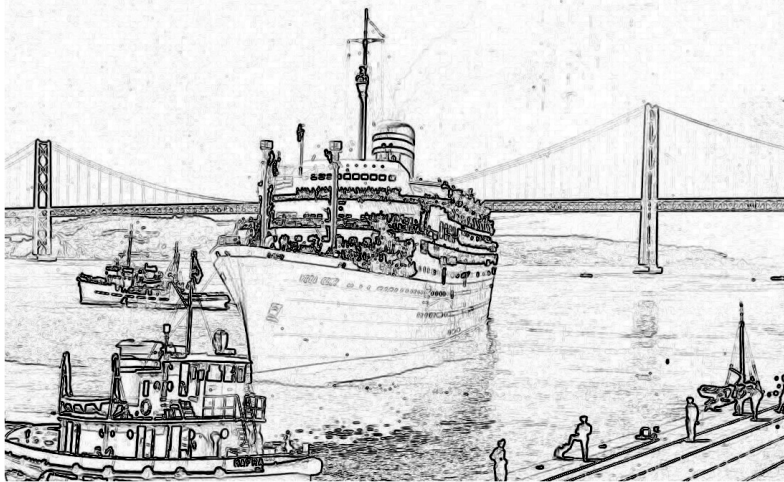


## PARTIDA

Eram quantas horas, afinal? Nem sei... já nem me lembro se olhei para o relógio, se não. Usava ainda um velho Norton comprado ao Macedo, o contrabandista oficial da empresa, em dia de ordenado. Pois é, mas a verdade é que já não me lembro. Tudo começara bem cedo, ainda de madrugada, e a viagem desde a Amadora não fora nenhum passeio turístico.

Já aqui estamos. "Angola! É nossa!", tam, taratam, tatchim... que raio de refrão...



A sirene tocou, demorada, e todos suspendemos a respiração.

A angústia a crescer-nos no estômago, no peito, e na garganta apertada um grito abafado.

A multidão no cais fura as barreiras de segurança e precipita-se em direcção ao navio que, liberto das amarras, já se afasta.

Era o último sábado de Abril de 1970, o dia 25. Uma Primavera diferente. E nós, primaveris também nos nossos vinte anos, também diferentes, partíamos para o outro lado do mar, pelas ramificações do Império, até um mundo ainda desconhecido. Sim, já descoberto mas ainda desconhecido, que desde há alguns anos nos condicionava as vidas — pelo menos desde os 18. A sequência iniciada com "dar o nome" na Junta, seguida da fila dos nus (com as mãos nas vergonhas), e por fim o incontornável carimbo de "aprovado para todo o serviço", marcava definitivamente o nosso destino. Adquirido que era o estatuto de mancebo, rareavam as oportunidades de emprego. Pouca esperança, pouco futuro. Finalmente a "Ordem de Apresentação" e a "Guia de Transporte" e aí vamos nós com a maleta da escassez. Mas isto foi há um ano, mais precisamente há um ano e 4 dias e neste período fomos amassados, levedados e tendidos: "(...) *embeba-se-lhe a carne lentamente, duma certeza aguda, irracional (...)* e eis-nos aqui, no tombadilho, a acenar, a acenar... lenços em todas as mãos, para os desconhecidos. Não se reconhece ninguém. Só um par de amigos sabia da minha partida, mas nem os cheguei ver. Nem na formatura, nem no desfile, nem no embarque. Não lhes vi o lenço vermelho, como combináramos... e nem eles o meu.

"Angola!", tam, taratam, tatchim... que caramba!

Recolhemos um pouco atabalhoadamente o "Português Suave" que umas senhoras muito finas nos colocavam nas mãos, evitando qualquer contacto (até visual), e que quase sem mexer os lábios murmuravam um "boa sorte" que lhes purificasse as almas.

Mas tudo tinha sido tão rápido. Tam, taratam, tatchim... "Angola é nossa!".

Procurado o poiso para descarregar a bagagem, voltar ao convés, e já o navio se afastava, Tejo abaixo, mar adentro.

Eram quantas horas, afinal?

Tudo tão rápido... Para trás fica Lisboa e o país de Abril. E eu, neste Vera Cruz que de Abril me leva, que de Lisboa me leva, que de ti me leva..

Oh! Mãe!

Portugal é já uma saudade que se avoluma numa vertigem... nas mãos das ondas, que nos embalam... não, não és tu mãe, não são estas as tuas mãos. Gostaria de ouvir a tua voz calma e inconfundível num "acorda, filho, acorda!". Mas não, tu não tens lugar no barco que vai para a guerra. Deste sonho mau não me consegues salvar.

Oh! Mãe! "— Estou sozinho no mar alto, sem-meço com medo à noite cerrada..."

*CarlNasc  
2010  
in <http://CC>*

